



## O COMUNICADOR COMO ORGANIZADOR DA CULTURA: esboço conceitual a partir do campo da Comunicação/Educação<sup>1</sup>

Felipe Correa de Mello<sup>2</sup>

PPGCOM-ESPM

### Resumo

O campo da Comunicação/Educação deve estar interessado na disputa pela hegemonia dos significados sociais em direção à construção de uma nova variável histórica, mais justa, inclusiva e igualitária. Nesse contexto, emerge a categoria conceitual de *comunicador como organizador da cultura*. Esboçada a partir das considerações de Antonio Gramsci sobre o papel do intelectual orgânico, essa categoria busca iluminar a função política desempenhada pelo comunicador/educador na constituição de um novo *status quo* dentro do contexto social e histórico contemporâneo, caracterizado pela centralidade dos meios de comunicação na tessitura dos sentidos sociais.

Palavras-chave: Comunicação/Educação; hegemonia; Gramsci; intelectual orgânico

### INTRODUÇÃO: O CAMPO DA COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO

Como nos mostra Huergo (1996, p. 1), os esforços em abordar as questões de Comunicação/Educação têm sido significativos e crescentes nas últimas décadas. Em linhas gerais, esses esforços são motivados por preocupações práticas voltadas, sobretudo, para o “uso dos meios e das novas tecnologias no trabalho escolar, do ensino à distância, de projetos de educação popular de campanhas educativas etc.” (HUERGO, 1996, p. 1, tradução nossa). Esse conjunto de preocupações práticas

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho “Comunicação, Educação e Consumo” do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

<sup>2</sup> Doutorando do PPGCOM-ESPM, historiador (USP), mestre em Psicologia Social (PUC-SP), pesquisador do grupo CNPq “Comunicação, Educação e Consumo: as interfaces na teleficação”. felipeccmello79@hotmail.com



encetou (enceta) uma multiplicidade de projetos e produções de Comunicação/Educação que utilizam aportes positivistas e funcionalistas, tendo como eixo indagações instrumentais acerca da relação entre os meios/novas tecnologias e o campo da educação formal e informal (HUERGO, 1996).

Há no campo um forte desequilíbrio entre práticas, pesquisas e reflexões teóricas. Esse desequilíbrio faz com que o campo seja atravessado por diferentes perspectivas, propostas e referenciais teórico-metodológicos “que chegam a tomar posições tão intensas e compromissos tão opostos, que poderia se concluir que o campo de estudos de Comunicação/Educação está avançando até um estado de *incompatibilidades*” (HUERGO, 1996, p. 1, grifo do autor, tradução nossa).

Como nos mostram Huergo (1996) e Martín-Barbero (2014, p. 19-22) o campo da Comunicação/Educação enfrenta na América Latina uma série de desafios para sua efetiva constituição “como novo espaço teórico capaz de fundamentar práticas de formação de sujeitos” (BACCEGA, 2009, p.21). Fundamentalmente, a superação desses desafios se encontra em ressituar o campo na trama da cultura e da política.

Como nos ensina Baccega (2009), é no espaço de intersecção entre os meios e a escola que o campo da Comunicação/Educação tem a base de sua configuração. Interessado na disputa pela hegemonia dos significados sociais em direção à construção de uma nova variável histórica, mais justa, inclusiva e igualitária, o campo tem como uma de suas tarefas iluminar as possibilidades de diálogo entre as duas agências. O campo da Comunicação/Educação, constituído como lugar privilegiado na construção dos sentidos sociais, deve, no processo de desvelar as práticas socioculturais em suas autênticas inter-relações, contribuir para a reflexão acerca das concepções e das práticas sociais e mediações constitutivas dos sujeitos e dos sentidos sociais.

O objetivo do campo é a construção da cidadania a partir de uma leitura crítica do mundo, que é a nós apresentado através de recortes e edições realizadas pelos meios de comunicação. O pesquisador do campo tem como dever articular o campo



escolar e o campo da comunicação tendo em vista um enfoque global, não fragmentado, que sirva para a construção de uma nova variável histórica.

O campo reconhece a importância da construção de conhecimento, entendido “como totalidade que inclui a condição de o sujeito ser capaz de trazer à superfície o que de maneira incipiente começa a ser esboçado na sociedade” (BACCEGA, 2009, p. 26), bem como reconhece o papel central que os meios de comunicação desempenham na constituição da trama cultural de nossa sociedade.

Essa perspectiva acerca do campo envolve, por um lado, uma concepção mais ampla de cultura abarcando o “conjunto de relações sociais que incluem atores, instituições e empresas, públicas ou privadas, que se volta para a produção e circulação de bens simbólicos” (BACCEGA, 2009, p. 24). A comunicação é concebida a partir da cultura e não tão somente como uma questão dos meios e de suas dimensões técnicas.

Por outro, faz emergir a categoria conceitual de *comunicador como organizador da cultura*. Construída a partir das considerações de Gramsci sobre o papel do intelectual orgânico nas batalhas pela conquista da hegemonia, essa categoria busca iluminar a função política desempenhada pelo comunicador/educador na construção de um novo *status quo*.

Ao buscarmos atualizar as reflexões apresentadas por Gramsci, temos em mente construir um conceito que dê conta do papel que os meios de comunicação desempenham na (re) produção da sociedade contemporânea. Nesse percurso damos especial atenção ao comunicador vinculado à práxis cotidiana das classes populares e subalternas.

Com efeito, Said (1993) nos mostra que todos que trabalham em “qualquer área relacionada com a produção ou divulgação de conhecimento são intelectuais no sentido gramsciano” (1993, p. 24). Assim, locutores de rádio e apresentadores de programas de TV, profissionais acadêmicos, analistas de informática, jornalistas, comentaristas políticos etc. são intelectuais orgânicos conforme são definidos por Gramsci (SAID, 1993).



Por outro lado, o autor é enfático ao assinalar que o intelectual (o comunicador) deve estar vinculado a uma atividade de combate ao poder dominante, sendo seu papel o de

geralmente tornar público e elucidar de maneira dialética e opositora o conflito ao qual me referi anteriormente [o conflito entre autonomia do intelectual em relação ao poder dominante], desafiar e derrotar tanto um silêncio imposto quanto a quietude normalizada do poder invisível onde quer e sempre possível [...] (SAID, 2004, p.40).

Estender o papel do intelectual orgânico para o comunicador é fundamental para compreendermos a complexidade da sociedade contemporânea, na qual os meios de comunicação constituem a textura da experiência social, cultural, econômica e política (SILVERSTONE, 2002, p. 11-32). Nesse caminho desenhamos pistas para pensarmos a formação de discursos contra hegemônicos:

[...] os intelectuais que desejam intervir nas novas esferas públicas precisam empregar novos meios de comunicação para participar dos debates democráticos e moldar o futuro das sociedades e da cultura contemporâneas. O meu argumento é que primeiro o rádio e a televisão e agora os computadores produziram novas esferas e espaços públicos para informação, debate e participação que contêm tanto o potencial para revigorar a democracia aumentar a disseminação das ideias críticas e progressistas quanto novas possibilidades para a manipulação e o controle social [...] (KELLNER, 2004, p. 299).

### **Apontamentos sobre um conceito em construção**

Uma investigação sobre as produções do campo da Comunicação/Educação revela a relativa ausência de esforços teóricos no caminho de elaboração e da definição de contornos precisos da categoria *comunicador como organizador da cultura*. Apesar de seus elementos estarem presente de forma latente em diversas



reflexões (sobretudo nas que tratam da questão da hegemonia, ideologia e das inter-relações entre cultura, comunicação e práxis) não há referências a essa categoria.

Os apontamentos apresentados neste artigo fazem parte de um esforço teórico que se encontra em fase inicial e que tem como objetivo lançar algumas bases para o desenvolvimento substantivo da referida categoria/conceito.

Essa fase inicial repousa em pesquisa bibliográfica e é essencialmente teórica. Conforme nos alerta Bourdieu e Wacquant (2008, p.53-64) um conceito deve necessariamente emergir do tensionamento constante entre reflexões teóricas e o trabalho empírico, sob a pena de recair em abstrações estereis que nada iluminam a lógica concreta das práticas sociais. Sendo assim, planejamos trabalhar o conceito de *comunicador como organizador da cultura* ao longo da pesquisa de campo de nosso doutorado, que tem como um de seus objetivos analisar a formação de sentidos sobre a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) no âmbito do campo da Comunicação/Educação.

## 1. O INTELLECTUAL COMO ORGANIZADOR DA CULTURA: PONTO DE PARTIDA TEÓRICO

### A função social do intelectual orgânico

Em “Os intelectuais e a organização da cultura” (1982), Gramsci nos oferece uma completa e sofisticada reflexão sobre o papel do intelectual nas sociedades contemporâneas. Nessa obra, a figura do intelectual é concebida como alguém que preenche um conjunto particular de funções na sociedade. Sem cair numa explicação essencialista que busque os critérios definidores da atividade intelectual a partir de suas qualidades intrínsecas, Gramsci propõe uma análise social abrangente que dê conta de identificar a categoria social *intelectual* a partir do conjunto do sistema das relações sociais no qual as atividades intelectuais estão inseridas.



Assim, a despeito de conceber que todos os humanos são intelectuais -- quer dizer, desempenham atividades intelectuais até mesmo em suas atividades mais corriqueiras e cotidianas --, Gramsci nos mostra que nem todos humanos exercem a função social de intelectual. Com isso, o pensador estabelece um traço comum que venha a unificar as diversas e variadas atividades intelectuais presentes nas sociedades industriais modernas, ao mesmo tempo em que distingue o grupo dos intelectuais de outros grupos sociais. Isso é bastante valioso do ponto de vista analítico, uma vez que permite vislumbrar o papel do intelectual no conjunto das relações de força que compõe a organização social; seu papel político e seu papel na organização da cultura (GRAMSCI, 1982).

Gramsci (1982) nos mostra que existem diversos graus de atividade específica intelectual. As concepções de mundo cotidianas dos indivíduos tendem a serem confusas, fragmentadas e contraditórias. São, conforme definido pelo pensador italiano, concepções “inferiores”. Em contrapartida, as concepções de mundo formuladas pelos intelectuais por serem concepções coerentes, homogêneas e unitárias são concebidas como concepções “superiores”.

Cabe aqui dissipar um provável mal entendido que venha a compreender que pela distinção entre superiores e inferiores Gramsci esteja estabelecendo um juízo de valor que desqualifique as concepções de mundo cotidianas.

Conforme nos mostra Coutinho (2003, p. 90), o filósofo italiano tende a enxergar “todas as esferas do ser social a partir do ângulo da política”; quer dizer, Gramsci compreende as relações sociais como relações de força. Desta forma, as concepções de mundo (o que Gramsci denomina ideologia) são tomadas como fatos ontológicos capazes de alterar e modificar a vida humana, “mesmo quando seus conteúdos cognitivos não correspondem adequadamente à representação da realidade” (COUTINHO, 2003, p. 114). A diferença entre as concepções (ideologia) *inferiores* e *superiores* reside na força social que possuem em sorte de orientar e dirigir as pessoas rumo a transformações sociais. Nesse, caso as concepções formuladas pelos



intelectuais são superiores, pois ao serem homogêneas e coerentes possuem força maior para representar anseios coletivos e, assim, mobilizar as pessoas.

Destaca-se, dessa forma, o importante papel assumido pelo intelectual como educador e dirigente intelectual e moral, num processo intimamente vinculado à conquista da hegemonia.

## 2. O COMUNICADOR COMO INTELLECTUAL ORGÂNICO

### O comunicador e a (re) produção das relações de dominação

Conforme nos mostra Moraes (2002, s/p.), o conceito gramsciano de hegemonia permite meditarmos sobre o desempenho dos meios de comunicação na (re) produção dos rumos históricos das sociedades contemporâneas.

O autor (MORAES, 2009, s/p.) nos mostra que Gramsci, em suas reflexões de cárcere, concebe a imprensa (“o maior meio de comunicação de sua época”) como a parte mais dinâmica “da superestrutura ideológica das classes dominantes”. Segundo o filósofo italiano, jornais e revistas elaboram, divulgam e unificam concepções de mundo e, assim, cumprem a função de “organizar e difundir determinados tipos de cultura” (GRAMSCI, 2000, p.32). Esses tipos de cultura são “articulados de forma orgânica com determinado agrupamento social mais ou menos homogêneo, o qual contribui com orientações gerais para exercer influência na compreensão dos fatos sociais” (MORAES, 2009, s/p.).

Ao cumprirem a função social de suporte da visão de mundo do bloco hegemônico, a imprensa, para Gramsci, desempenha um papel análogo aos partidos políticos (MORAES, 2009, s/p.). Ou seja, a imprensa, segundo a concepção de Gramsci, também exerce a função social de intelectual orgânico – no caso, vinculada às classes dominantes/hegemônicas.

O intelectual/comunicador é organizador da cultura na medida em que ele opera como um articular dos discursos e dos sentidos em circulação em determinados



universos sociais: em diálogo com as vozes que atravessam a sociedade, que são, por definição, múltiplas, heterogêneas e muitas vezes contraditórias, o comunicador se institui como (re) construtor de um determinado discurso que é apresentado como relativamente homogêneo, estável e destituído de marcas aparentes de conflitos.

Com todas as mediações que lhe são próprias, inserido em determinado contexto cultural, ocupando determinada posição social e, principalmente, exercendo a função de intelectual orgânico de dado grupo, classe ou bloco histórico, o comunicador seleciona fatos e discursos, os interpreta, os articula, os ressignifica: produz um novo discurso voltado para expressar visões de mundo (i. e. ideologia) predispostas a obter o consenso ativo de grupos, sujeitos e organizações e, assim, mobilizar forças sociais e históricas na consecução de determinados rumos da práxis política e cotidiana.

Grande parte da força política dos ideais, valores, padrões de comportamento, estereótipos, imaginários etc. produzidos e postos em circulação pelos meios de comunicação hegemônicos reside na relativa coesão com que são apresentados (MORAES, 2009).

Nesse processo, a relativa coesão é amparada em diversos procedimentos discursivos, sobretudo de naturalização, universalização e apagamento dos vestígios sociais e históricos; todos predispostos a apresentarem uma “formação social já constituída e possuidora de significado relativamente autônomo” (MORAES, 2009).

Os meios de comunicação hegemônicos constroem os fatos, mas ocultam o processo de enunciação. Produzem em seus interlocutores a crença na “relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo” (ORLANDI, 2012, p. 35). Apagam a materialidade e historicidade dos sentidos e os apresentam como evidentes. Naturais. A força política disso é enorme, pois apresenta aos sujeitos o caráter inexorável dos sentidos e da ordem das coisas como estão, impedindo o vislumbre de mudanças no rumo da história.





## O comunicador e a obtenção de novas relações de hegemonia

Gramsci (1982) nos mostra que cada grupo social cria para si de modo orgânico uma ou mais camadas de intelectuais predispostos a dar homogeneidade e consciência da função social do grupo. Desta forma, tanto os dominantes quanto os dominados “produzem” seus intelectuais voltados para a expressão, organização e defesa de seus objetivos e interesses.

Conforme nos mostra Moraes (2009, s/p.):

Existem, simultaneamente, pontos de resistência aos discursos hegemônicos que abrem horizontes de enfrentamentos de pontos de vista. A começar pelos meios alternativos de comunicação, impressos, eletrônicos ou virtuais, que se contrapõem aos modelos e crivos midiáticos. Eles procuram disseminar ideias que contribuam para a elevação da consciência social, o exercício da crítica e a intensificação do debate sobre possibilidades de transformação do mundo vivido.

A conquista de novas relações de hegemonia implica a lenta e progressiva conquista de novos consensos. Através da conquista de posições na sociedade civil os discursos contra hegemônicos progressivamente vão desconstruindo a rede de consensos que sustentam o *status quo*. Nesse processo, é fundamental o papel de organizações e meios de comunicação alternativos que instaurem materialidades discursivas contrapostas aos sentidos vinculados à reprodução de uma ordem social injusta e desigual.

O desafio é grande. A assimetria comunicacional, conforme já mencionamos, é uma das características da sociedade contemporânea: algumas corporações detêm a maior parte do controle sobre os meios de comunicação; logo, possuem maior poder para significarem a realidade.

Como argumenta Moraes (2010, p.72), a contraposição ao poder dos meios de comunicação hegemônicos deve mobilizar e aproveitar todos os recursos táticos e



canais contra hegemônicos. A assimetria de poderes impõe limites e obstáculos à exploração de brechas, no entanto não implica que não existam espaços de luta tanto na sociedade civil quanto no interior das empresas de comunicação.

A despeito de estarmos falando de ideias, sentidos e visões de mundo, temos que ter em mente que não se trata de um embate intelectualista – que se passa tão somente na esfera intelectual do mundo das ideias –, mas sim de uma luta que se dá no terreno vivido da cultura. Da práxis.

Com o conceito de hegemonia, Gramsci enriquece a noção marxiana de ideologia ao dar um corpo material e sensível a ela. Desta forma, ilumina que a política e as lutas de poder não se dão tão somente nas arenas partidárias e sindicais (nas arenas da política clássica), mas também na esfera cotidiana das práticas sociais vividas, nos hábitos, nos valores e rituais nas trocas simbólicas e discursivas do dia a dia (EAGLETON, 1997, p.15-109).

Conforme aponta Eagleton (1997, p. 53), a partir da análise da obra de Bakhtin, um sistema ideológico bem sucedido “deve funcionar tanto em termos práticos quanto teóricos, descobrindo algum modo de ligar esses níveis”. Quer dizer, o sistema ideológico “deve abranger desde um sistema de pensamento elaborado até as minúcias da vida cotidiana, desde um tratado erudito, até um grito na rua” (EAGLETON, 1997, p. 53).

Nesse contexto, Bakhtin (2002, p. 1118-122) estabelece a distinção entre *ideologia do cotidiano* e *sistemas ideológicos*. Para o autor (2002, p. 118) a ideologia do cotidiano constitui-se como “[...] a atividade mental centrada sobre a vida cotidiana, assim como a expressão que a ela se liga [...]”, esta se diferencia dos sistemas ideológicos constituídos, tais como a arte, a moral, o direito, a religião etc. Em linhas gerais a ideologia do cotidiano “constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos estados de consciência” (BAKHTIN, 2002, p. 118).

A relação entre esses dois tipos de ideologia é dialética. Não há uma distinção ontológica-social entre ambos os tipos. Os sistemas ideológicos surgem e se



cristalizam “a partir da ideologia do cotidiano e exercem por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência [...]” (BAKHTIN, 2002, p. 119). Há uma relação orgânica entre a ideologia do cotidiano e os sistemas ideológicos. Estes, “alimentam-se de sua seiva, pois fora dela, morrem, assim como morrem, por exemplo, a obra literária acabada ou a ideia cognitiva se não operam [...] na língua da ideologia do cotidiano [...]” (BAKHTIN, 2002, p. 119). Sem o contato direto, dialógico e dialético com a ideologia do cotidiano, por definição, cambiante, os sistemas ideológicos tendem a se enfraquecer e, no limite, desaparecer.

Seguindo essa linha de argumento, Bakhtin estabelece outra distinção: entre os níveis superiores e os níveis inferiores da ideologia do cotidiano. Os níveis “superiores” da ideologia do cotidiano estão em contato direto com os sistemas ideológicos, porém são mais móveis, cambiantes e criativos que esses sistemas. Nas palavras de Bakhtin (2002, p.120), “são capazes de repercutir as mudanças da infraestrutura socioeconômica” de forma mais rápida e mais distintamente: “logo que aparecem, as novas forças sociais encontram sua primeira expressão e sua elaboração ideológica nesses níveis superiores da ideologia do cotidiano, antes que consigam invadir a arena da ideologia oficial constituída” (BAKHTIN, 2002, p. 120).

Já os níveis “inferiores” da ideologia do cotidiano, grosso modo, estão relacionados a fatores biológicos e biográficos, portanto possuem um caráter reduzido de organização e integração com os sistemas ideológicos. São compostos por “experiências vagas, pensamentos fúteis e palavras aleatórias que ocorrem à mente como lampejos” (EAGLETON, 1997, p. 54) e passam a ter forma na medida em que se inserem na cadeia discursiva e, assim, a fazerem parte do nível “superior” da ideologia do cotidiano (BAKHTIN, 2002, p. 121).

Nesse ponto as considerações de Bakhtin dialogam e complementam as considerações gramscianas, contribuindo para que não recaíamos no equívoco de estabelecer distinções valorativas entre as formas “superiores” e as “inferiores” de visão de mundo. A diferenciação entre elas é fundamentalmente de caráter heurístico. Sua compreensão é analiticamente fértil para entendermos as contradições e brechas



que atravessam os sentidos sociais e nesse sentido, de suma importância para compreendermos o papel político do comunicador vinculado às classes subalternas como organizador da cultura.

Para Gramsci a cultura popular é formada por um conjunto de visões de mundo complexas e irregulares que possui tanto elementos conservadores quanto elementos progressistas. Ao contrário de muitos pensadores, acadêmicos, intelectuais líderes de movimentos sociais etc. de sua época o filósofo italiano postulava que a cultura popular não deve ser rejeitada como algo puramente negativo. Como um obstáculo para emancipação social (GRAMSCI, 2000).

A relação entre cultura popular, indústria cultural e práxis cotidiana é iluminada pelos Estudos de Recepção Latino-Americanos de Recepção. A noção de mediações comunicativas da cultura ilumina, dentre outros aspectos, que a comunicação é um espaço criativo de processos e práticas e produção simbólica e não só de reprodução de sentidos estabelecidos (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 215).

Do ponto de vista de Gramsci (1982), cabe ao intelectual separar nas experiências e concepções de mundo populares o que há de conservador e o que há de renovador. No entanto, o trabalho do intelectual não deve ser entendido como um simples exercício teórico de análise da cultura popular. O intelectual orgânico gramsciano, ao contrário de muitos “intelectuais”, está intimamente vinculado à classe popular e com ela mantém um permanente diálogo no qual teoria e prática se relacionam dialeticamente. A produção da teoria – ou seja, da concepção de mundo relativamente coerente e unitária conforme mencionamos na seção anterior – está ligada ao processo de transmissão dessa teoria para as classes populares e/ou subalternas. Não existe uma cisão entre o intelectual e o terreno do vivido onde se dá a experiência popular. Entre eles deve haver sempre uma relação dialógica: um processo de produção de sentido no qual tanto a classe popular (e/ou subalterna) quanto o intelectual são compreendidos como emissores e receptores.

Dessa forma, o comunicador é organizador da cultura na medida em que se ampara tanto no conhecimento teórico desenvolvido pelos campos científicos,



sobretudo das ciências sociais e humanas, quanto no universo discursivo em que seus interlocutores estão inseridos.

A construção de sentidos aptos a gerar ações sociais transformadoras reside necessariamente no diálogo entre o comunicador e seus receptores. Cabe aos interlocutores do diálogo uma ação reflexiva que vise à construção de um conhecimento científico sobre a realidade. Aqui emerge o campo da Comunicação/Educação como espaço privilegiado na conformação dos sentidos sociais.

No diálogo entre comunicação e escola tem-se em vista que as concepções individuais e opiniões subjetivas, por definição, particulares, contraditórias e fundadas numa percepção sensível e imediata da realidade tornem-se conhecimento: visões de mundo complexas, integradas e inter-relacionadas.

Conforme nos ensina Baccega (2009, p. 26), é fundamental que se tenha bem definida a diferença entre “[...] informação, fragmentada, e conhecimento, totalidade que inclui a condição de o sujeito ser capaz de trazer à superfície o que de maneira incipiente começa a ser esboçado na sociedade”. As informações, fragmentadas, são insuficientes para que os sujeitos analisem de forma reflexiva e compreensiva o que aparece como dado. O devido conhecimento da realidade, apto para transformá-la, implica a consciência da totalidade das relações sociais, da inter-relação entre as informações; implica uma compreensão reflexiva do processo comunicacional, envolvendo [...] comunicação, diálogo, entrelaçamento, interatividade (BACCEGA, 2009, p. 26).

A ação do comunicador enquanto intelectual é pedagógica e comunicativa. É, para usar os termos de Paulo Freire, comunicação, e não extensão; transferência mecânica de informações sem qualquer relação com a realidade concreta dos receptores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



O uso da categoria conceitual de comunicador como organizador da cultura está situado no reconhecimento de que é fundamental que existam /sujeitos individuais e coletivos, que de forma dialógica com seus interlocutores, realizem a mediação do que é produzido e circulado pelos meios de comunicação, num processo contínuo de construção de conhecimento da totalidade dinâmica da social. Fundamentalmente essa função social é desempenhada pelos profissionais situados no bojo do campo da Comunicação/Educação e por algumas instituições midiáticas contra hegemônicas.

Consideramos que os meios de comunicação constituem o fio mais forte da trama cultural e que são as instituições sociais mais sensíveis às nuances do cotidiano, sendo, assim, um campo estratégico nas lutas sociais. Sem embargo, temos em mente que o campo escolar ainda é o lugar privilegiado de reflexão sistematizada.

Iluminar o diálogo entre os meios de comunicação e a escola é um dos desafios fundamentais do comunicador engajado na construção de novas relações de hegemonia, logo na construção de uma nova variável histórica.

## REFERÊNCIAS

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. **Comunicação e educação**. Revista do departamento de Comunicação e Artes da ECA/USP. São Paulo, ano XIV, número 3, set./dez 2009, p. 19-28

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec; Annablume, 2002.

BOURDIEU, Pierre; Loïc, Wacquant. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

COUTINHO, C.N. **Gramsci. Um estudo sobre seu pensamento político**: Nova edição ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. São Paulo: Boitempo/Unesp, 1997.



GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1982.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Vol 1. Org. de Carlos Nelson Coutinho, Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (v. 1), 2000.

HUERGO, Jorge A. **Comunicación/Educación: ambitos, prácticas y perspectivas**. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación, 1996.

KELLNER, Douglas. Intelectuais e novas tecnologias. In: MORAES, Dênis (org.) **Combates e utopias**. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 285-314.

MARTÍN- BARBERO, Jesus. **Ofício de cartógrafo**. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo, Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.4, n.1, jan.-jun. 2010, p. 54-77.

MORAES, Dênis de. A comunicação na batalha das ideias. **Gramsci e o Brasil**, 2009. Disponível em <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1079>. Acesso 14 de abril de 2016.

MORAES, Dênis. Imaginário social e hegemonia cultural. **Gramsci e o Brasil**, 2002. Disponível em <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>. Acesso 14 de abril de 2016.

SAID, E. **Representações do intelectual**. As Conferências Reith de 1993. Cia das Letras: São Paulo, 1993.

SAID, Edward. O papel público de escritores e intelectuais. In: MORAES, Dênis (org.) **Combates e utopias**. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 25-50.

SCHELESENER, A. H. **Hegemonia de cultura**. Gramsci. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Edições Loyola: São Paulo, 2002.